

Fátima Pinheiro
entrevista

Renato Rezende

Renato Rezende (1964) é escritor, poeta, tradutor, artista visual, e participou recentemente, juntamente com Cláudio Oliveira (filósofo) e Ana Lucia Lutterbach Holck (psicanalista) de uma atividade preparatória para as XXII Jornadas Clínicas da EBP-Rio e do ICP-RJ, intitulada “Nós e o corpo do texto”, organizada, conjuntamente, pela Coordenação das Jornadas, pela Comissão de Biblioteca da Seção-Rio e pela Unidade de Pesquisa Práticas da letra. Autor de vários livros, entre eles: *Passeio* (Record, 2001), *Ímpar* (Lamparina, 2005), prêmio Alphonsus de Guimarães, *Noiva* (Azougue, 2008), e *Amarração* (Circuito, 2012), Renato Rezende nos concedeu uma entrevista especial sobre o seu livro *Caroço* (Azougue, 2012), obra que faz parte de uma trilogia, onde revela de forma impactante a sua experiência radical e singular com a escrita e o corpo. Essa entrevista é um convite direto às palavras do escritor/poeta, que tão bem as situou em seu livro, através de um personagem, como sendo “minha marca, de fogo, indelével, uma marca que diz: eu escrevo”. Vamos, então, a ela:

Fátima Pinheiro: Em *Caroço*, sua escrita é pungente, ela perfura, penetra, não somente cava um “buraco negro”, como nos faz circular em torno dele. A primeira pergunta está, portanto, remetida à sua experiência com a escrita do livro. Como foi para você escrever *Caroço*?

Renato Rezende: A princípio, eu vi-me diante de um desafio que não acreditava ser capaz de superar. Não que eu tenha certeza de ter superado, acho sinceramente que não, mas fiz o que estava ao meu alcance, e, para minha satisfação, o livro foi capaz de atingir algumas pessoas, apesar de todas as dificuldades. O desafio surgiu diante da compreensão, um tanto desalentadora, que meu primeiro romance, *Amarração*, não havia dado conta do que eu queria dizer. Percebi, então, que estava diante de camadas de discursos, de profundidades, e que seria uma trilogia, a “Trilogia da Fantasia”. *Caroço* teria que dar conta daquilo que não pode ser dito, desse “buraco negro”. Ao mesmo tempo em que sim, escrita do livro gira em torno de um oco, ela, como ondas circuncêntricas, se propaga a partir desse núcleo, e essa propagação gera, a meu ver, uma escrita lisa, quase como a superfície de um espelho. Um espelho opaco, talvez. Então, a experiência de escrever *Caroço* se deu no duplo esforço de manter a escuridão do vazio preservada em sua opacidade, mas, ao mesmo tempo, iluminá-la apenas o suficiente, a partir dessa escrita espalhada, que gira em órbita, em torno do cerne do livro, em um constante exercício de dizer aquilo que não é possível

ser dito. Escrever *Caroço* foi a experiência de escrever um livro que jamais existiria; o que foi publicado e existe é apenas seu avesso.

Fátima Pinheiro: Na leitura que fiz de *Caroço*, recortei duas passagens, em que você se utiliza de metáforas, muito especiais, para situar o escritor. A primeira “o escritor é um cristal através do qual a luz se filtra e irradia”, e a segunda, o escritor se encontra no corpo de uma mulher que escreve para não morrer, e para se transformar em uma borboleta: “escrever é o meu casulo, minha crisálida”. O escritor é a própria escrita?

Renato Rezende: É, acho que sim. Poderíamos dizer que o escritor é sua própria escrita, pois, afinal, é a escrita que faz o escritor. Há um verso da Lupe Cotrim muito bonito, que eu gosto bastante, que diz “um poeta é um poeta / e pode viver sem fazer versos”. Também acredito nisso. São duas verdades. Acho que a escrita – e o escritor – nascem justamente desse atrito, dessa fricção, entre o negativo e o positivo. Se me permite, vou citar aqui um poema que me veio à lembrança agora, ao responder essa pergunta:

CONCEPÇÃO

(Como em “Las ruinas circulares”
o sonhador sonha e é sonhado),
O homem criou Deus, da criatura
Sendo criado, Pai e filho
Em um espelho mítico unificado.
Assim, num tempo estático e revertido
Nasceram, escritor – e escrito, da poesia.
(Como misteriosamente é Fátima
mãe e filha do Profeta), o poeta:
Filho da sua filha.

Fátima Pinheiro: *Caroço* traz questões impactantes que concernem ao corpo. O corpo já se faz presente a partir do próprio título, que aponta para algo como “uma semente”, “um grão”, “uma joia”, “uma letra” que se solta de um corpo de mulher. *Caroço* introduz ora um corpo marcado pelo horror e pelo gozo, ora pelo vazio onde “o oco é vivo e pulsante”. O corpo é, também, estranho “sempre na eminência do expurgo, do destino de dejetos”, assim como é “cicatriz que produz uma auréola - que paira como uma letra”. Podemos cernir a partir daí enlases e desenlases do corpo em *Caroço*?

Renato Rezende: Acho que você já descreve lindamente esses enlases e desenlases do corpo em *Caroço*. De certa maneira, esse é um livro escrito a partir do corpo, e daí, talvez, a relação que muitos encontram nele com uma

escrita feminina – pois, como você mesma coloca na pergunta, essa “letra” se solta de um corpo de mulher, e talvez isso não seja aleatório. Tenho escrito ensaios sobre a poesia brasileira contemporânea, e criticado um privilégio do olhar na vertente mais aceita dessa poesia – de extração concretista e cabralina. Sim, podemos admirar essa abordagem, mas podemos perceber também que a onipotência do olhar traz algo de falocêntrico, de totalizador e universalisante. A escrita que nasce a partir do corpo – de um corpo marcado – é necessariamente mais singular e mais difícil de ser lida.

Fátima Pinheiro: Outro dia li algo interessante sobre o ato de escrever e que diz respeito àquilo que é a “cozinha” da escrita, o saber fazer: “se escreve, se amassa a letra uma e outra vez até parecer como recém-feita, como se fora pão fresco, mas na verdade é pão velho, muito velho, escrito e concebido lá longe.” Escrevemos a partir do sintoma, ou seja, se escreve o mesmo, mas a cada vez, de uma maneira diferente. Neste aspecto é uma única escrita que atravessa a vida. O que você pensa disso?

Renato Rezende: Eu concordo. Acho que escrever é ruminar, mastigar na boca o gosto amargo até que ele fique doce. É bater, bater, bater o leite até que se faça o milagre da manteiga. Outro dia fui ajudar minha mulher a fazer um bolo, batendo clara de ovos. Acho um verdadeiro milagre que de repente, apenas pelo ato mecânico de bater, sem a adição de nenhum outro ingrediente, a clara se enrijeça a ponto de podermos virar a vasilha e ela não cair. Acho que escrever é assim, também. Todo artista que realmente interessa tem apenas dois ou três temas, no máximo. Os mesmos temas sempre reescritos, revisitados; mas, surpreendentemente, quando a necessidade é genuína, a cada vez com um ganho, com algo novo acrescentado.

Fátima Pinheiro: O silêncio está presente na sua escrita, e parece ser tecido no vazio da letra, dos restos que se depositam, com uma articulação do feminino, com o encontro com o real, com o dizer impossível. O que lhe parece?

Renato Rezende: Sou alguém fascinado por aquilo que não se deu; e isso tem a ver com o feminino, talvez, o real, se quisermos, ou o silêncio. O que não se deu é sempre muito maior do que o que se deu. Por exemplo, recentemente fui a uma reunião de família, em Minas. Estávamos celebrando as muitas gerações de um casal original, que lá se fixou no século XVIII. Éramos centenas de pessoas, vivas, descendentes de outras centenas de pessoas, que já morreram, mas que existiram. Fiquei imaginando aquelas pessoas que nem estão vivas nem nunca viveram, aquela gigantesca maioria plena apenas na possibilidade, naqueles milhões de óvulos e espermatozóides que não germinaram, mas que poderiam, em potência, ter nascido. Pensando assim, vemos como a superfície é pequena e rara, e como o avesso (como o avesso de um tecido) é vasto, profundo e insondável. Toda escrita, toda letra, já é um risco que existe, na pele do mundo. Tecer essa escrita, que sempre diz e

afirma, e forçá-la a não dizer e não afirmar, ou fazer ambos ao mesmo tempo, ou seja, a dançar bem na borda do que não é, é um desafio da minha literatura; e também da minha vida.

Fátima Pinheiro: Ao introduzir *Caroço* com um poema, você nos dá o tom daquilo pelo que seremos tocados ao longo do livro, por um lugar de não resposta, um lugar fora da narrativa, ali onde a letra permite articular que não há um saber no Outro, e que o Outro não tem a resposta sobre o Caroço, o nome do objeto, caído do Outro. Este meu comentário, aquém ou além de uma pergunta, é o ressoar de sua escrita a partir de minha leitura, que finalizo com o poema que abre o seu livro:

*O centro do coração
Rosa
Dentro da rosa,
Rosa
Dentro da rosa,
Rosa
Dentro da rosa.
J.M.J*